

## A cidade do Natal – Rio Grande do Norte — Os anos 1920, sob a ótica dos colaboradores da revista *Cigarra* (1928-1929-1930)

CASCUDO, Luís da Câmara. Natal, outra cidade! *Cigarra*. Natal, Ano 3, n. 5, p. 15, mar. 1929

CIGARRA

# NATAL, OUTRA CIDADE!

L. da C. C.



Engenheiro Omar O'Grady, prefeito de Natal

A primeira prancha que A CIGARRA publica como sua homenagem aos sonhadores duma nova Natal é apenas uma parte do "master plan" onde a terra de Jeronymo de Albuquerque se desdobrá numa perspectiva de beleza racional. Já de agora se poderá ver o "futuro". O bairro baixo com suas ruas paralelas ao rio e as perpendiculares cahindo em angulos rectos annunciadores de asseio esthetic. Nada de arrazamento e de destruição. O material aproveitado é vasto. As ruas conservam a localisação antiga. A mão moderna rectificou para melhor onde se semeára á esmo. Adivinha-se, depois das finaes, o abraço tornejante da grande avenida de contorno.

Até ali inda não surge "urbanificação" no sentido de crear e dispôr. A mentalidade que presidiu ao "master plan" foi coherente e logica attendendo aos factores economicos. Ha, apenas, uma systematisaço das massas urbanas. Aproveita-se o maximo, conservando as caracteristicas da Cidade de tresentos annos feitos.

A parte que interessa as creanças inda não vimos. Serão os

parques, as aleas sombreadas. Creio firmemente que se pensou no clima quando o lapis foi traçando as ruas de quinze e vinte metros de largo. Uma arborisação densa em Natal é tão necessaria e expontaneamente esthetica como a via contornante que cingirá a cidade dos Reis. O "master plan" inda não possui, graças a Deus, o criterio unilateral de precizar o que ha de vir. Deixa ensanchas para esperar o gosto da epoca, mutavel e plastico. Uma systematisaço differe duma "toilet" feminina. Feita, é para quasi toda uma existencia. E a existencia duma cidade é de seculos.

A redução moderna do "master plan" sofrerá o embate natural dos preconceitos e das opiniões pessoas. Mas é preciso pensar na cidade quando

### O LAGO E A FLOR

DE JOÃO MARIA FURTADO

*A margem doirada do lago,  
Num gesto claro, multicolor,  
Uma haste verde se inclina,  
Baloçando, como um sorriso, uma flor.*

*O vento sopra. A haste esgalga  
Maravilhosamente revolteia...  
E a flor beija, de instante a instante,  
Enamorada,  
Aquella imagem...*

*Aquella imagem de ceo profundo,  
Refletida,  
De cima luminosamente,  
No fundo da agua tranquilla...*

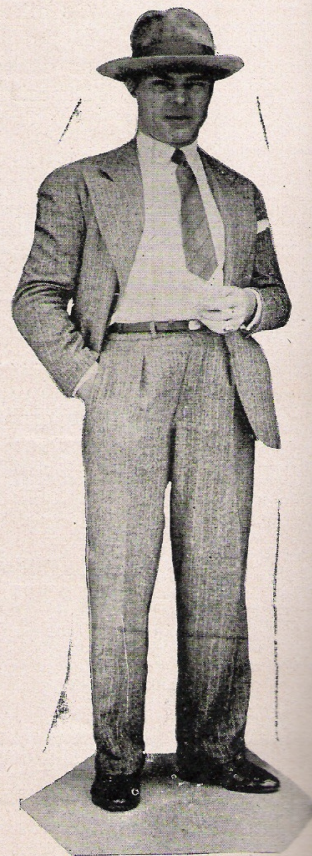
*Mas passa o tempo e o lago desce  
E se vae,  
Como tudo na vida, meu amor...  
Ficou sosinha, tristemente,  
Na margem triste, a pobre flor...*

*Aquella imagem era, na vida,  
A sua gloria, o seu amor...*

*Na crueldade do meu destino,  
Na minha sereníssima dor,  
Nunca me engano e nem me illudo:  
— Tu foste o lago, eu fui a flor.*

se constroe uma casa. O inverso tambem é certo e justo. Os factores que civilisam uma cidade escôam-se, se ella não fixar as linhas mestras de sua grandeza. Trafego, hygiene, movimentação, residencia, beleza e logica são as affinidades electivas duma cidade. A tudo o "master plan" registou.

Urbanismo é collaboração e critica. Uma somma de valores e nunca uma affirmativa solitaria. Assim o "master plan" abrirá para os entendidos e os amigos de Natal uma phase de solidariedade e de cooperação.



Architecto Giacomo Palumbo, que traçou o plano de systematisaço da cidade